

Esse obscuro objeto do desejo¹

*Quand une femme dit 'non', elle veut dire 'peut-être';
quand elle dit 'peut-être', elle veut dire 'oui',
et quand elle dit 'oui', elle n'est pas une femme.*
(Provérbio francês)

Domingo no campo. Após o piquenique familiar, o pequeno Jérémy apela aos pais diante de uma dificuldade com a gramática francesa. Onde se encontra o complemento do objeto direto em uma determinada frase do livro escolar de exercícios? Jean e Anne-Marie, pais do menino, se embaraçam com o problema. Há verbos que por sua natureza são transitivos, exigem um objeto que os complemente. Outros, ao contrário, que se sustentam intransitivamente. Afinal, onde está o objeto que complementa?

É em torno desta questão candente que gira o sóbrio e sutil filme de Stéphane Brizé, *Mademoiselle Chambon* (França, 2009). Trata-se menos de uma questão gramatical do que à primeira vista se poderia supor. O objeto de que se trata não complementa, mas causa. O desejo – parodiando o poeta – é intransitivo. Não transige nem tampouco faz apelo à complementaridade. Esta é sua – nossa – condição trágica, marcada por um desamparo intrínseco constitutivo. Ali mesmo onde não há objeto que venha apaziguar a falta de que somos (o e)feito(s), é preciso lançar-se sem rede nem garantia. Esta intransitividade fundamental é a estranha matéria de que é feito o (des)encontro entre Jean e Véronique Chambon, o constante pedreiro e a frágil violinista.

O pedreiro Jean é um homem sólido. Sua vida não é distinta das casas que constrói, erigida sobre uma base familiar firme e estável. As construções, diz ele, devem durar para sempre. Trata-se de um homem fundamentalmente bom: bom pai, marido, filho. A professora-substituta Véronique é uma mulher em trânsito – *la donna è mobile* –, cuja escolha profissional recaiu sobre uma função que determina um cotidiano marcado pela transitoriedade evitando, assim, o laço amoroso. Jean não pode compreender como alguém pode deixar para trás o que gosta. Véronique - subitamente revelada - sorri, tímida.

Ele, em sua hombridade tosca, quebra pedras, ergue paredes, conserta janelas. É um homem do fazer. Ela, em sua reserva pudica, é musicista, aprecia literatura e delicados *macarons* que oferece a este homem bom, correto e confiável.

¹ Título de um dos filmes do cineasta espanhol Luis Buñuel, *Cet obscur objet du désir* (França/Espanha, 1977).

O improvável encontro entre estes dois habitantes de mundos tão distintos é marcado pela quase total ausência de palavras. Como na música, o silêncio faz parte da melodia que ressoa, grave, fazendo borda entre o homem e esta mulher. Há um real em jogo e o impossível que este carrega. É esta matéria opaca - a um só tempo concreta e insubstancial – que prevalece, quase palpável, nos longos silêncios que pontuam os momentos em que Véronique e Jean se tornam tão próximos em sua solidão desamparada que as palavras, se houvesse, seriam supérfluas. Há apenas a rara e quase insuportável rima de amor e dor. O desencontro se inscreve a cada encontro, cada olhar que se desvia, mão que toca, lágrima furtiva que cai silenciosa e fatal.

Após receber um sucinto bilhete de Jean – *Je pense a vous*¹ -, Véronique vai ao seu encontro para lhe dizer que está considerando o convite feito pela diretora da escola para que ocupe um posto definitivo. Ela cogita, pela primeira vez, em não partir. Ele, não se constrangimento, diz que sua esposa está grávida. Trajetórias em assíntota, a mulher desarraigada e o homem enraizado revezam posições, sem que possam se tocar. Afastam-se, mas não conseguem se evitar.

Véronique recua e decide, mais uma vez, partir. Jean avança e lhe diz que irá com ela. “Não fale isso se você não vai”, ela lhe diz na véspera de sua partida. Véronique sabe que as palavras também são feitas para enganar. O que importa não é a promessa, mas o ato.

A plataforma da estação ferroviária aos poucos se esvazia e Véronique permanece, sozinha, à espera. Jean, inicialmente determinado a partir com ela, não se decide a alcançá-la. Ao último apito, o trem rasga a pacata paisagem matinal da Provence. Nele, a mulher partida retoma sua errância.

Pelo mesmo motivo que encantara Véronique, Jean não pode acompanhá-la. É um bom homem, arrimo de família, razão pela qual não pode abandonar os seus. O que ele parece não saber é que não há outro preço a pagar para que se tenha acesso ao desejo, exceto o próprio bem - conforme afirma Lacan.

De volta a sua casa, Jean retorna à vida que escolheu, marcada por um cotidiano sem sobressaltos. Mas, doravante, também partida: A um canto da morada uma pequena mala - tornada inútil - pulsa, exangue. Dejeito vivo, presença inquietante no seio familiar.

A vida segue, como o outono ao verão.

¹ “Penso em você”, em tradução livre.